



ESCOLA E VIOLÊNCIA: UMA REALIDADE NO BRASIL.

GILSON PINHEIRO PEREIRA

EIXO: 5. EDUCAÇÃO E INFÂNCIA

ESCOLA E VIOLÊNCIA: UMA REALIDADE NO BRASIL.

Eixo Temático 5: Educação e Infância

RESUMO

Este artigo tem como principal objetivo fazer um levantamento de casos de violência acontecidos nos últimos anos em escolas públicas de algumas cidades do Brasil. Neste trabalho serão relatados os diversos tipos de violência ocorridos entre estudantes no interior do ambiente escolar do território brasileiro tais como brigas, agressões físicas e verbais, mortes e etc. Mostra também que não são só os alunos que sofrem com a atual violência escolar, mas também os profissionais da educação principalmente os professores que a todo momento são de alguma forma agredidos por seus educandos ficando esses profissionais impossibilitados de atuarem em sala de aula. Para fundamentar esse artigo, foram pesquisados sites na internet contendo pesquisas de sindicatos e instituições bem como livros, artigos e demais estudos que tratam do assunto.

Palavras - chave: Brasil, escola, violência.

RESUMEN

Objetivo principal de este artículo es hacer un estudio de casos de violencia ocurrido en los últimos años en las escuelas públicas de algunas ciudades de Brasil. Este trabajo será divulgado los distintos tipos de violencia que se produce entre los alumnos dentro del ambiente escolar del territorio brasileño, como peleas y agresiones verbales y físicas, muertes, etc.. También muestra que no es solo los estudiantes que sufren la violencia actual en las escuelas, sino también los profesionales de la educación especialmente de los maestros que en cualquier momento de alguna manera son golpeados por sus alumnos a estos profesionales no pueden trabajar en el aula. Para fundamentar este artículo fueron investigados sitios en internet que contiene informes y estudios de organizaciones no gubernamentales y las instituciones que se ocupan del tema.

Palabras clave: Brasil, escuela, violencia.

A violência e as violações dos direitos humanos no Brasil, sobretudo as que, de alguma forma, comprometem a vida e a integridade física do indivíduo, estão entre as grandes preocupações das populações das grandes cidades. Hoje, a violência vivida nos grandes centros e estampada nas principais manchetes dos veículos de comunicação manifesta-se por meio de diversos agentes e sob as mais diferentes formas.

Dentre os números da violência urbana, policial e familiar, o Brasil e muitos outros países enfrentam também as estatísticas da violência escolar, que acontece no interior das instituições de ensino.

Esse tipo de violência, quando põe em risco a ordem, a motivação, a satisfação e as expectativas dos alunos e do corpo docente, têm efeitos graves sobre as escolas, contribuindo para o insucesso dos propósitos e objetivos da educação, do ensino e do aprendizado. Como acontece com a sociedade, a escola não está imune à violência social e

acaba sendo um espelho dessa realidade.

Diante de um ambiente conturbado e vulnerável, a escola perde suas características e funções essenciais de educação, socialização, promoção da cidadania e do desenvolvimento da pessoa.

Atualmente, a violência escolar se expressa de muitas maneiras, incorporando-se à rotina da instituição e assumindo proporções preocupantes. Segundo a pesquisadora Miriam Abramovay (Professora da Universidade de Brasília e coordenadora do Observatório de Violências nas Escolas-Brasil) a violência pode ser associada a três dimensões: a degradação do ambiente escolar, a violência que se origina de fora para dentro das escolas e aquela gerada por componentes internos dessas instituições. (www.unicef.org)

A violência, assim, pode traduzir-se em ações diversas que vão desde a agressão física, o furto, o roubo (em geral contra o patrimônio da própria escola), o porte de armas, o tráfico de drogas, até ofensas verbais, aparentemente menos graves, mas que revelam atitudes discriminatórias, segregatórias e humilhatórias, cujas conseqüências são dificilmente mensuradas ou percebidas. Este último caso, bastante freqüente nas escolas, é conhecido como Bullying. O termo em inglês compreende todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra um ou mais alunos, causando dor e angústia, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder.

A existência do Bullying nas escolas tem sido tema reiteradamente investigado nos últimos anos no exterior e no Brasil. Alunos vítimas do Bullying, geralmente, são pessoas com dificuldades para reagir diante de situações agressivas e que acabam retraindo-se. Isto pode contribuir para a evasão escolar, já que, muitas vezes, não conseguem suportar a pressão a que são submetidos. (www.educare.pt)

Segundo a pesquisa “Violência nas Escolas”, realizada pela UNESCO em escolas de todo Brasil, a violência física aparece em primeiro lugar, atingindo alunos, professores e funcionários em geral. Em segundo lugar está a violência contra a propriedade e, por último, a violência verbal. O estudo afirma, ainda, que a violência física acontece com grande regularidade em algumas capitais. Os maiores percentuais de vitimização estão em São Paulo e no Distrito Federal. (www.apeesp.wordpress.com).

Na convivência escolar, assim como os colegas, o professor também é um dos personagens de uma relação que, nem sempre, se dá de forma cordial. O Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (APEOESP) e o Dieese fizeram uma pesquisa com 684 professores, que revela que 87% deles conhecem algum caso de violência dentro de unidades escolares. Outros 70% afirmam conhecer casos de tráfico de drogas no ambiente escolar e 67% de consumo pelos alunos. Entre os tipos mais comuns de violência, a agressão física foi citada por 82% dos entrevistados como rotineira, só perdendo para agressão verbal (96%) e atos de vandalismo (88,5%). (www.apeesp.wordpress.com).

Com esses dados é possível entender que a situação do professor em sala de aula não é das mais confortáveis e, em muitas vezes, nem mesmo segura.

Contudo, segundo a pesquisa da UNESCO já mencionada, muitos alunos entrevistados afirmam que o que determina um bom relacionamento com o professor é o tratamento que esse dispensa à sala, desde o primeiro dia de aula. Em vários discursos apresentados na publicação da pesquisa é possível perceber que a relação professor-aluno está vinculada à disponibilidade de diálogo. A falta de comunicação dos alunos com os professores ou com os demais membros do corpo técnico-pedagógico da escola os desestimula e os distancia dos propósitos educativos, afetando, muitas vezes, sua auto-estima.

O QUE É VIOLÊNCIA ESCOLAR

O que é caracterizado como violência escolar varia em função do estabelecimento, de quem fala (professores, diretores, alunos etc.), da idade e provavelmente do sexo. Não existe consenso em torno do seu significado.

Professor de Ciências da Educação, o especialista Bernard Charlot amplia o conceito, classificando-o em três níveis: violência (que inclui golpes, ferimentos, roubos, crimes e vandalismos, e sexual), incivildades (humilhações, palavras grosseiras e falta de respeito) e violência simbólica ou institucional compreendida entre outras coisas, como desprazer no ensino, por parte dos alunos, e negação da identidade e da satisfação profissional por parte dos professores.

Os termos para indicar a violência também variam de um país para outro. Nos Estados Unidos, diversas pesquisas usam delinquência juvenil. Na Inglaterra, alguns autores defendem que o termo violência na escola só seja empregado no caso de conflito entre professores e estudantes ou em relação a atividades que causem suspensão, atos disciplinares e prisão.

Apesar das diferenças entre os países, há um consenso quanto ao fato de que não apenas a violência física mereça atenção. Outros tipos de violência podem ser traumáticas e graves. (Violência nas Escolas, UNESCO 2002). Para o corpo discente “violência representa agressão física, simbolizada pelo estupro, brigas em família e também a

falta de respeito entre as pessoas". Enquanto que para o corpo docente "a violência, enquanto descumprimento das leis e da falta de condições materiais da população, associando a violência à miséria, à exclusão social e ao desrespeito ao cidadão".

É importante refletirmos a diferença entre agressividade, crime e violência.

A agressividade é o comportamento adaptativo intenso, ou seja, o indivíduo que é vítima de violência constante têm dificuldade de se relacionar com o próximo e de estabelecer limites porque estes às vezes não foram construídos no âmbito familiar. O sujeito agressivo tem atitudes agressivas para se defender e não é tido como violento. Ele possui "os padrões de educação contrários às normas de convivência e respeito para com o outro." ABRAMOVAY; RUA (2002) A construção da paz vem se apresentando em diversas áreas e mostra que o impulso agressivo é tão inerente à natureza humana quanto o impulso amoroso; portanto é necessária a canalização daquele para fins construtivos, ou seja, a indignação é aceita porém deve ser utilizada de uma maneira produtiva.

O crime é uma tipificação social e, portanto definido socialmente é uma rotulação atribuída a alguém que fez o que reprovamos. "Não reprovamos o ato porque é criminoso. É criminoso porque o reprovamos" (Émile Durkheim).

Violência pode ser também "uma reação conseqüente a um sentimento de ameaça ou de falência da capacidade psíquica em suportar o conjunto de pressões internas e externas a que está submetida" LEVISKY (1995) apud DIAS; ZENAIDE (2003)

Segundo Bourdieu e Passeron (1975), a partir de sua posição social, o indivíduo apresenta uma matriz (habitus) pela qual estrutura seus pensamentos, percepções e ações. Em uma sociedade estratificada, segundo esses autores, as classes dominantes controlam os significados culturais estabelecendo quais são os mais relevantes, de modo que a cultura tem eminentemente um caráter político e de manutenção da ordem social estabelecida. A violência simbólica proposta por Bourdieu, segundo Vasconcellos (2002) "aparece como eficaz para explicar a adesão dos dominados: dominação imposta pela aceitação das regras, das sanções, a incapacidade de conhecer as regras de direito ou morais, as práticas lingüísticas e outras" (p. 81).

Assim, a violência escolar, por inserir-se no fenômeno da violência mais geral, também incorpora em seu conceito essa violência sutil, estrutural, que diminui as possibilidades de o indivíduo de classe popular ascender socialmente e transformar sua realidade. Feita tal explicação do porquê de incluir a violência escolar no fenômeno mais amplo da violência, propõe-se levantar as perguntas a serem feitas quando se pretende delinear a multiplicidade de aspectos que se incorporam ao conceito.

Um aspecto da definição de violência escolar é a localização geográfica. A violência escolar pode ocorrer dentro do espaço físico da escola, no trajeto casa escola, em locais em que se programem passeios e/ou festas escolares (Furlong & Morisson, 2000), e, mesmo, na própria residência e bairro do aluno, como em situações nas quais conflitos mal resolvidos dentro da instituição gerem violência em outros espaços. Adicionalmente, a violência na escola pode não ter uma localização geográfica precisa, sendo virtual, como nas situações em que mensagens agressivas são encaminhadas entre membros da escola por meio eletrônico (internet e/ou celular).

Assim, apesar de comumente se situar a violência escolar como a violência que ocorre dentro da estrutura física da escola, há uma diversidade de localidades em que ela pode ocorrer. Portanto, não se deve basear o conceito de violência escolar apenas na localização geográfica dos eventos violentos. Adicionalmente, no caso da violência simbólica que ocorre na escola, esta se refere mais à dinâmica diária de ensino do que propriamente a atos específicos em um determinado local.

Um acréscimo à definição diz respeito a quem são os atores envolvidos na violência escolar. Alunos e professores são comumente os personagens mais lembrados quando se discute violência na escola, contudo, qualquer indivíduo que trabalhe na instituição escolar ou que esteja envolvido nela pode ser inserido no conceito. Isso é importante porque a violência pode ocorrer em qualquer relação interpessoal, ainda que costume ocorrer com maior frequência e intensidade quando há desigualdade de condições de poder entre os indivíduos (Williams, 2003). Desse modo, cantineiras, porteiros, faxineiras, inspetores, diretores, recepcionistas, voluntários da escola, pais e/ou responsáveis pelos alunos podem cometer e/ou sofrer e/ou testemunhar atos de violência a outros do contexto escolar e não devem ser esquecidos em pesquisas, intervenções e programas preventivos.

Além de pessoas relacionadas ao contexto da escola, pode haver outros indivíduos não relacionados que nela ingressam a fim de cometer atos violentos, como quando a escola é assaltada, quando traficantes nela ingressam para intimidar alunos presentes, etc. Charlot (2002) também expõe tal situação em que a violência ocorre dentro do espaço escolar, "sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição escolar (...)" (p. 434) e em que "(...) a escola é apenas o lugar de uma violência que teria podido acontecer em qualquer outro local" (p. 343). O autor denomina tal situação como violência na escola, porém faz-se a ressalva que o termo por si só não é esclarecedor, sendo mais simples denominar que os envolvidos são outros não relacionados à instituição escolar.

TIPOS DE VIOLÊNCIA

A violência que as crianças e os adolescentes exercem, é antes de tudo, a que seu meio exerce sobre eles. COLOMBIER et al.(1989). A criança reflete na escola as frustrações do seu dia-a-dia.

É neste contexto que destacamos os tipos de violência praticados dentro da escola.

- Violência contra o patrimônio - é a violência praticada contra a parte física da escola. "É contra a própria construção que se voltam os pré-adolescentes e os adolescentes, obrigados que são a passar neste local oito ou nove horas por dia." COLOMBIER et al.(1989).
- Violência doméstica - é a violência praticada por familiares ou pessoas ligadas diretamente ao convívio diário do adolescente.
- Violência simbólica - É a violência que a escola exerce sobre o aluno quando o anula da capacidade de pensar e o torna um ser capaz somente de reproduzir. "A violência simbólica é a mais difícil de ser percebida... porque é exercida pela sociedade quando esta não é capaz de encaminhar seus jovens ao mercado de trabalho, quando não lhes oferece oportunidades para o desenvolvimento da criatividade e de atividades de lazer; quando as escolas impõem conteúdos destituídos de interesse e de significado para a vida dos alunos; ou quando os professores se recusam a proporcionar explicações suficientes, abandonando os estudantes à sua própria sorte, desvalorizando-os com palavras e atitudes de desmerecimento". (ABRAMOVAY; RUA, 2002, p.335) a violência simbólica também pode ser contra o professor quando este é agredido em seu trabalho pela indiferença e desinteresse do aluno. ABRAMOVAY; RUA (2002).
- Violência física - "Brigar, bater, matar, suicidar, estuprar, roubar, assaltar, tiroteio, espancar, pancadaria, nuguinho sangrando, Ter guerra com alguém, andar armado e, também participar das atividades das gangues" ABRAMOVAY et al. (1999).

OS FATORES QUE LEVAM OS JOVENS A PRATICAR ATOS VIOLENTOS

São inúmeros os fatores que podem levar uma criança ou um adolescente a um ato delitivo, a seguir, abordaremos os que acreditamos serem os mais relevantes.

A desigualdade social é um dos fatores que levam um jovem a cometer atos violentos. A situação de carência absoluta de condições básicas de sobrevivência tende a embrutecer os indivíduos, assim, a pobreza seria geradora de personalidades disruptivas. "A partir desse... de estar numa posição secundária na sociedade e de possuir menos possibilidades de trabalho, estudo e consumo, porque além de serem pobres se sentem maltratados, vistos como diferentes e inferiores. Por essa razão, as percepções que têm sobre os jovens endinheirados são muito violentas e repletas de ódio..." ABRAMOVAY et al. (1999) é uma forma de castigar à sociedade que não lhe dá oportunidades.

A influência de grupos de referência de valores, crenças e formas de comportamento seria também uma motivação do jovem para cometer crimes.

"o motivo pelo qual os jovens... aderem às gangues é a busca de respostas para suas necessidades humanas básicas, como o sentimento de pertencimento, uma maior identidade, auto-estima e proteção, e a gangue parece ser uma solução para os seus problemas a curto prazo" ABRAMOVAY et al. (1999), assim, o infrator se sente protegido por um grupo no qual tem confiança. "Valores como solidariedade, humildade, companheirismo, respeito, tolerância são pouco estimulados nas práticas de convivência social, quer seja na família, na escola, no trabalho ou em locais de lazer. A inexistência dessas práticas dá lugar ao individualismo, à lei do mais forte, à necessidade de se levar vantagem em tudo, e daí a brutalidade e a intolerância", (MONTEIRO, 2003) a influência das gangues que se aliam ao fracasso da família e da escola. A educação tolerante e permissiva não leva a ética na família. Os pais educam seus filhos e estes crescem achando que podem tudo.

É dentro das gangues ou das quadrilhas como se refere Alba Zaluar que os jovens provam sua audácia, desafiam o medo da morte e da prisão. É uma subcultura criminosa marcada pela atuação masculina (ZALUAR, 1992, p.27).

O indivíduo enfrenta uma grande oferta de oportunidades: o uso de drogas, o uso de bebidas alcoólicas, uso da arma de fogo aliada a inexistência do controle da polícia, da família e comunidade tornam o indivíduo motivado a concluir o ato delitivo. "Carências afetivas e causas sócio-econômicas ou culturais certamente aí se misturam, para desembocar nestas atitudes". (COLOMBIER, 1989, p.35). "A Disponibilidade de armas de fogo e as mudanças que isso impõe às comunidades conflituosas, contribuindo para o aumento do caráter mortal dos conflitos nas escolas" ABRAMOVAY; RUA (2002, p.73) " a falta de policiamento agrava a situação na medida em que a polícia pode ser

sinônimo de segurança e ordem" ABRAMOVAY ; RUA (2002, p.337).

A VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS TEM DE ACABAR

A notícia de que 62% das escolas estaduais de São Paulo tiveram episódios de violência, veiculada recentemente pela imprensa, mostra o grave quadro da rede estadual de ensino no que se refere à violência nas escolas. Nós, professores e professoras das escolas estaduais, vivemos essa situação no nosso cotidiano e temos a percepção de sua extensão e gravidade. Por isso, consideramos que o número de escolas atingidas pode ser ainda maior, pois nem todas as ocorrências são registradas. (www.apoeesp.wordpress.com).

Esse não é um tema novo para nós e acreditamos que o Estado tem demorado muito para agir.

A Secretaria da Educação divulgou índices parciais sobre a violência nas escolas, baseados apenas em relatórios de diretores e registros policiais. Em contraposição, a APEOESP realizou uma aula pública para demonstrar que os dados do governo não refletiam a realidade e, também, para denunciar a política de “aprovação automática” dos estudantes do ensino fundamental, o que, no nosso entendimento, contribui para reduzir a autoridade do professor e para o aumento da indisciplina e da violência.

Também quando o governo joga a culpa pelos problemas da educação sobre o professor e institui uma série de provinhas para “avaliar” nossa capacidade profissional, contribui diretamente para aumentar a indisciplina e o desrespeito para com o professor. Não são provinhas desse tipo que podem avaliar nossa experiência e nossa capacidade; elas servem apenas para punir e excluir docentes.

A violência no interior das escolas não se resume a um problema de segurança, embora seja necessária a presença efetiva da ronda escolar no entorno das unidades escolares para prevenir a presença do tráfico de drogas, vândalos, gangues e outros criminosos. Entretanto, a grande saída é o investimento, não apenas material, mas na valorização dos profissionais da Educação e a instituição de mecanismos de gestão democrática que aproximem os alunos e suas famílias da escola. (www.apoeesp.wordpress.com).

Se a escola não se tornar um lugar prazeroso para seus alunos, respondendo a seus anseios e se a autoridade do professor não for reconstituída, por meio de políticas de valorização, a violência escolar vai persistir. Por isso, cabe ao governo desenvolver políticas coletivas, nas quais a questão da violência não seja vista de forma isolada, mas como parte de uma política educacional que assegure ensino de qualidade para todos.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; et alli - Gangues , galeras, chegados e rappers. RJ, Ed. Garamond, 1999.

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças - *Violência nas escolas*. Ed. UNESCO, doações institucionais.

A violência nas escolas tem de acabar. [apeoesp.wordpress](http://www.apoeesp.wordpress.com). 2011. Disponível em: <<http://www.apoeesp.wordpress.com>>. Acesso em 13 out. 2011.

Bullying na escola. educare.pt 2011. Disponível em: <<http://www.educare.pt>>.

Acesso em 02 out. 2011.

Bourdieu, P., & Passeron, J. C. (1975). A reprodução. Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

Causas da violência no Brasil. [Renascebrasil](http://renascebrasil.com.br). 2011. Disponível em: <<http://www.renascebrasil.com.br>>. Acesso em 13 out. 2011.

Charlot, B. (2002). A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. *Sociologias*, 4(8), 432-443.

COLOMBIER, Claire; MANGEL, Gilbert; PERDRIault, Marguerite . *A violência na escola*. São Paulo, Ed. Summus, 1989.

Furlong, M., & Morrison, H. (2000). The school in school violence: Definitions and facts. *Journal of Emotional and Behavioral Disorders*, 8(2), 71-82.

SILVA, Aida Maria Monteiro. *EDUCAÇÃO E VIOLÊNCIA: qual o papel da escola?* www.dhnet.org.br/inedex.htm, 2002

Professores sofrem violência nas escolas. hypscience.com. 2011. Disponível em: <<http://www.hypscience.com>>. Acesso em 02 out. 2011.

Violência nas Escolas, UNESCO 2002.

ZALUAR, Alba (org). Violência e educação. São Paulo, Cortez editora, 1992

Graduando em Letras-Português e Membro do NPSE/UFS. gilpinheirogil@hotmail.com

Recebido em: 10/05/2015

Aprovado em: 11/05/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: